

Brasil corre risco de não obter dinheiro novo, diz banqueiro

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Um membro do comitê de bancos credores advertiu ontem "que não haja ilusões; podemos fechar agora um acordo com o Brasil, mas isto não quer dizer que o dinheiro novo já esteja disponível. Ele pode até ser ainda recusado".

O *Wall Street Journal* de ontem prevê mesmo que "será extremamente difícil levantar os US\$ 5,2 bilhões em novos empréstimos bancários para o Brasil", um ano depois que os principais credores elevaram suas reservas contra créditos problemáticos concedidos a países latino-americanos.

O banqueiro que falou ao *Estado* reconheceu que "estamos atravessando um momento de dificuldades nas negociações", mas destacou que "sempre tivemos dificuldades e elas sempre vão existir. Toda vez que há uma necessidade de negociar é porque há uma dificuldade".

Ao ouvir que a volta da dupla de negociadores brasileiros a Brasília, ontem, gerou uma impressão de crise nas negociações, o banqueiro reagiu:

"Crise? Já faz muito tempo que estamos em crise. Desde a moratória. Se as coisas estivessem maravilhosas, não haveria necessidade desta parada. Mas também não estamos chegando ao fim do mundo". E acrescentou:

"Deu-se uma parada nas discussões, para consultas. Há uma concepção errada de que os 14 banqueiros do comitê credor são os donos da verdade em termos da comunidade bancária. Nós tentamos ter a certeza de que o que estamos negociando seja aceitável para o restante dos bancos — os norte-americanos, ingleses, japoneses, bancos do mundo todo".

Esse banqueiro acredita que as negociações recomeçarão "no começo da semana que vem". Mas o comitê, pelo segundo dia consecutivo, reuniu-se em Nova York, ontem, para resolver divergências internas sobre capitalização de juros e a data-base que vai vigorar para os cálculos de quanto cada banco deverá contribuir para o pacote de US\$ 5,2 bilhões.

Um dos banqueiros ao saber que o superávit brasileiro tinha batido um recorde, US\$ 1,9 bilhão, reagiu: "Uauuu, fantastic, fantastic".

Para um observador das negociações, este saldo comercial "pode abrir o espaço de manobra do Brasil". Para outra fonte, "o Brasil pode bater outros recordes de exportação, afastando o problema da dívida e a necessidade de novos empréstimos".

Os dois banqueiros desmentiram os rumores, circulados no Brasil, de que o assessor internacional do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, e o diretor da dívida externa do Banco Central, Antônio de Pádua Seixas, estejam se desentendendo sobre as diretrizes da renegociação da dívida.

"Nunca tivemos esta impressão".

FMI

O principal problema pendente para o lado brasileiro ainda é a vinculação

do pacote dos bancos a um acordo com o FMI. Isto porque qualquer problema com o FMI terá o poder de paralisar o desembolso do empréstimo bancário. Uma fonte informou que "o FMI está muito flexível para um acordo com o Brasil", acrescentando que "se não houvesse condições para um acordo, a missão sequer viajaria para o Brasil".

O vínculo é fundamental, lembra um banqueiro, para que o pacote, depois de fechado, ganhe a adesão de todos os credores. "Vamos supor que acertemos o negócio hoje, mas que ele dependerá de coisas no futuro. A partir do momento em que o governo brasileiro manda o telex para a comunidade bancária, com nosso endosso, até o final, é um longo processo. Nesse meio tempo, ganha-se muito tocando a outra negociação, com o FMI e o Banco Mundial."

Esse banqueiro afirma que muitos bancos terão de elevar ainda mais suas reservas ao emprestar dinheiro novo para o Brasil, "o que torna tudo mais difícil ainda".

Um sócio da firma de consultoria econômica e política do ex-secretário Henry Kissinger, Alan Stoga, disse ao *Wall Street Journal* de ontem que cada vez "menos e menos grandes bancos vêem algum futuro em emprestar para o Terceiro Mundo em geral, e para a América Latina, em particular".

O *Journal* publicou, ontem, um longo artigo sobre o primeiro aniversário do choque dado na comunidade bancária pelo presidente do Citicorp, John Reed, ao anunciar que US\$ 3 bilhões de seus empréstimos talvez nunca mais fossem pagos.

A iniciativa do Citicorp em elevar suas reservas contra um eventual calote foi seguida por quase todos os grandes bancos, secando os novos empréstimos para a América Latina. Alguns banqueiros prevêem até a necessidade de outra dose, mas John Reed diz ao *Journal*: "Acreditamos que nós estamos suficientemente municiados para o risco econômico".

Reed promete continuar empregando dinheiro para países tão pesadamente endividados como o Brasil e a Argentina.

Argentina e Brasil são dois países que não poderão continuar pagando suas dívidas, se não receberem dinheiro novo. E o Equador, que conseguiu concluir negociações para obter US\$ 330 milhões, está lutando agora para receber os.

A iniciativa de John Reed deu mais força aos bancos nas negociações com os países devedores. O próprio Citicorp conseguiu cortar US\$ 300 milhões de seus créditos ao Brasil, e mais US\$ 800 milhões dos empréstimos às Filipinas, à Venezuela e ao México. Muitos bancos médios e pequenos se desfizeram de seus créditos.

"A moratória do Brasil não ameaça mais ruir a indústria bancária", como disse um banqueiro ao *Estado*.

O *Journal* apresenta o pacote brasileiro como "um ácido teste". E o banqueiro do comitê diz que não deve haver ilusão de que o acordo com o Brasil saia em junho.